

Hermenêutica em Lutero. Um estudo fundamentado em "À nobreza cristã de nação alemã, acerca do melhoramento do estado cristão"

Marlon R. Fluck

Escolhemos como assunto de nossa palestra o tema "Hermenêutica em Lutero. Um estudo fundamentado em 'À nobreza cristã de nação alemã, acerca do melhoramento do estado cristão' ". Como cremos que todo escrito ou visão hermenêutica estão vinculados à experiência de vida do autor dos mesmos, importa que vejamos, preliminarmente, a história do surgimento do escrito que queremos analisar.

1 — História da redação do livro

Lutero, em uma carta dirigida em junho de 1520 a Spalatin, fala-lhe sobre sua "intenção de publicar um manifesto a Carlos e a toda nobreza alemã contra a tirania e a perversidade da Cúria romana". Nesta mesma correspondência, declara que foi estimulado a escrevê-lo através da Epitome de Prierias e do escrito de Alfeld, em que defendia o poder papal⁽¹⁾. Lutero manifesta com assombro sua revolta diante dos absurdos anotados pelos seus opositores, dizendo:

"Eu creio que eles se tornaram loucos e tolos para com Roma. Agora vemos o que podemos esperar de Roma, que permite que esta infernal efusão continue na igreja. Verdadeiramente, estes portentos assombram-me com a enormidade de sua estupidez"⁽²⁾.

(1) WA BR 2, 119s.

Para conhecer um pouco da postura de Prierias no que respeita ao poder papal, veja-se: PRIERIAS. *Dialogus de potestate Papae*. In: KIDD, B.J. **Documents illustrative of the continental Reformation**. Oxford, Clarendon Press, 1911. p.31-3.

(2) WA BR 2,119s.

Decide-se, então, por denunciar a situação caótica da Cúria perante a opinião pública. Quer, como declara em uma carta, revelar “os segredos do Anticristo”(3). A composição ocupa Lutero de junho até julho de 1520(4). Em 18 de agosto anuncia a Wencislaus Link sua publicação(5).

Lutero divide o seu escrito em três porções. Envia-o em porções ao impressor. Na primeira porção(6), ataca aquilo que denomina as “três muralhas com que até agora se protegeram” os romanistas(7), ou seja: apresenta uma refutação das bases teológicas utilizadas pelo papado para manter o monopólio do poder sobre igreja e sociedade e todas as situações de corrupção daí decorrentes. Na segunda porção(8), agenda alguns pontos que deveriam ser tratados nos concílios, apontando para abusos praticados pela sé romana e propondo reformas. Na terceira porção, Lutero alista uma série de 27 propostas para melhoramento da comunidade eclesiástica e da comunidade civil. Nesta parte, Lutero acrescenta vários abusos que não havia mencionado na segunda. Lutero “mistura, em ambas as partes, os assuntos que propõe tratar distintamente em cada uma”. A explicação para isto seria que entre a segunda e terceira parte teria havido uma pausa. A impressão que se tem é que algo ocorreu, levando Lutero à ampliação e ao acirramento de sua denúncia ao papa e seus sequazes.(9) Neste caso, a explicação mais convincente é aquela que advoga ter ocorrido, durante esta pausa entre a redação de segunda e terceira parte do escrito, o recebimento por parte de Frederico, o príncipe eleitor da Saxônia, das cartas do cardeal Raphael Riário (10) e de Tetteben(11), chegadas em suas mãos em 6 de julho de 1520.

(3) Idem.

(4) SCHAFF, Philip. **History of the Christian Church**. Grand Rapids, Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1950. v.7. p. 206.

(5) WA BR 2, 146.

(6) LUTERO, Martinho. À nobreza cristã de nação alemã, acerca do melhoramento do estado cristão. In: **Pelo evangelho de Cristo**; obras selecionadas de momentos decisivos da Reforma. P. Alegre/S.Leopoldo, Concórdia/Sinodal, 1984. p.76-88.

(7) Id., *ibid.*, p.79.

(8) Id., *ibid.*, p. 88-99.

(9) MACKINNON, James. **Luther and the Reformation**. Londres, Longmans Green, 1928. v.2. p.224.

(10) A resposta de Frederico a Riário encontra-se em SMITH, Preserved, **Luther's correspondence and other contemporary letters**. Filadélfia, The Lutheran Publication Society, 1913. v. 1. p. 338s. A reação de Lutero à carta percebe-se em sua missiva a Spalatin, que se encontra em Preserved SMITH, *op.c.*, p. 336-8.

(11) Para ver a reação de Lutero às cartas de Riário e Tetteben, cf. WA BR 2 134-6.

Nestas se anunciava ter o papa decidido publicar a bula de condenação contra Lutero⁽¹²⁾. O destino de Lutero estava selado.

Acrescente-se a isto a correspondência expedida em 11 de junho de 1520, em que Sylvester von Schaumburg coloca à disposição de Lutero sua proteção e a dos cavaleiros que puder trazer consigo para mantê-lo a salvo e protegê-lo contra seus oponentes, até que um concílio cristão composto por juízes imparciais e eruditos avaliasse o seu caso⁽¹³⁾. Em 10 de julho, Lutero informa a Spalatin o recebimento desta proposta de aliança e proteção da nobreza menor, da qual Schaumburg era o portador. Encorajado por esta proposta, declara que os dados já haviam sido lançados. Que eles o condenem e queimem suas obras! Ele condenará e queimará publicamente toda lei papal, essa ninhada de heresias, e deixará de lado a humildade que até aqui havia exibido em vão e com a qual não mais inflamará os inimigos do evangelho.⁽¹⁴⁾ Uma semana mais tarde, no dia 17 de julho, escreve novamente a Spalatin, dizendo que Sylvester von Schaumburg e Franz von Sickingen, ambos nacionalistas alemães e membros da nobreza menor, trouxeram-lhe segurança com relação ao temor dos homens⁽¹⁵⁾. A ameaça constante de expedição de interdito contra os territórios da Saxônia, forçando desta forma a saída de Lutero em busca de outro local para refúgio, agora já não o atormentava mais. Isto, segundo James Mackinnon, teria encorajado Lutero a escrever um posicionamento mais violento e a ampliar seu ataque contra Roma. Esta seria a explicação para a belicosidade da terceira parte do escrito. Nesta terceira parte pode-se perceber a influência do nacionalismo alemão em meio à argumentação, o que não equivale, porém, a aceitar a interpretação que defende ter sido o nacionalismo a mola mestra que impulsiona Lutero e o inspira para que de suas mãos fruisse esta obra.⁽¹⁶⁾ Da mesma forma avaliamos o boato de que teria sido Ulrich von Hutten o idealizador da mesma. Estamos diante de um escrito repleto de características próprias de Lutero e cujo todo espelha uma profunda reflexão bíblico-hermenêutica. A motivação de Lutero e dos nacionalistas

(12) Cf. James MACKINNON, *op.c.*, p. 224.

(13) Preserved SMITH, *op.c.*, p. 330.
WA BR 2, 121s.

(14) WA BR 2, 136-8.

(15) WA BR 2, 144s.

(16) James MACKINNON, *op.c.*, p. 225.

alemães difere substancialmente.

Se, com relação à segunda parte do livro, destacamos que Lutero agenda irregularidades a serem avaliadas e corrigidas a partir de concílios, temos de sublinhar que no curso da terceira parte

“...o concílio é, entretanto, largamente ignorado e o trabalho deve ser feito principalmente pela autoridade secular... sob a influência da eminente fulminação da parte de Roma contra ele, Lutero ataca violentamente o papa pessoalmente, bem como a Cúria... o poder temporal não deverá apenas tomar drásticas medidas para colocar um fim aos males econômicos que surgem... Ele deverá tomar em suas mãos a total reforma da própria igreja, pois o discurso contém um esquema detalhado de reforma eclesias-tica baseado no fato de que este e outros males são causa de ruína ao serviço a Deus. Lutero começaria a reforma através de uma radical diminuição do poder do papa... Enquanto que na segunda parte estaria disposto a desculpar o papa pessoalmente como sendo uma vítima, antes que causa de um mau sistema, na terceira parte ele o encara como o inimigo comum e o destruidor da Cristandade e da salvação das almas. Ele, literalmente, destruiria o sistema dos legados papais e expulsaria da Alemanha todos os legados papais que vendem faculdades que legalizam todos os tipos de iniquidades.”⁽¹⁷⁾

II — A hermenêutica exercitada no livro

Vista a situação histórica vinculada ao manifesto de Lutero à nobreza alemã, podemos passar agora ao exercício de uma reflexão em torno da hermenêutica utilizada por Lutero, quando da redação do mesmo. Já desde a primeira leitura deste escrito que empreendi, convenci-me da relevância do mesmo para o latino-americano que quer apalpar a maneira de Lutero ler a Bíblia, relacionando-a a seu contexto histórico-vivencial. Qual não foi, porém, minha surpresa ao recorrer à literatura estrangeira a fim de receber estímulos e auxílio nesta caminhada em busca de uma compreensão mais lúcida de Lutero! Estudiosos da hermenêutica

(17) Id., *ibid.*, p. 236s.

em Lutero, como por exemplo Gerhard Ebeling, que escreveu centenas de páginas sobre a temática⁽¹⁸⁾ e que, reconhecidamente, é o maior especialista no assunto, nem ao menos faziam referência ao manifesto de Lutero como sendo digno de servir de base para um estudo da hermenêutica do reformador. Tal constatação somente vem reforçar nosso posicionamento de que, embora valorizemos o diálogo com o que procede de outras latitudes, nossa agenda teológica deve ser preenchida a partir das perguntas que brotem de nosso contexto, a não ser que queiramos, como bem o destaca o documento final da consulta da Fraternidade Teológica Latino-americana, setor Brasil, realizada em 1985, em Porto Alegre, “continuar sendo produtos alienígenas deslocados da paisagem tropical”, em vez de fazer justiça à realidade brasileira⁽¹⁹⁾. Tendo acentado esta premissa, resolvemos nos aventurar neste empreendimento.

Ao tratarmos desta temática, tomamos por emprestada a conceituação de Padilla, quando diz que

“... hermenêutica é essencialmente a ciência e a arte de explicar dentro de uma situação histórica moderna a palavra de Deus originalmente explicada num meio-ambiente hebreu ou greco-romano, e no intuito de conseguir que a vida dos leitores ou ouvintes se conforme à vontade de Deus. Entendida nesses termos, a hermenêutica está fortemente vinculada à situação do intérprete. Ela tem a ver com essa Palavra de Deus que somente pode ser compreendida e assimilada ou aceita na medida em que ela se torna ‘carne’ numa situação histórica específica, com todas as suas formas culturais e todos os seus fatores políticos, sociais e econômico concretos.”⁽²⁰⁾

(18) EBELING, Gerhard. **Evangelische Evangelienauslegung**; eine Untersuchung zu Luthers Hermeneutik. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1962. 542p.

_____. **Luther**; an Introduction to his Thought. Filadélfia, Fortress Press, 1970. 287p.

_____. **The Word of God and Tradition**; historical studies interpreting the divisions of christianity. Filadélfia, Fortress Press, 1968. 272p.

(19) DOCUMENTO de Porto Alegre. **Boletim Teológico**, São Leopoldo (6)

(20) PADILLA, René. Rumo a uma hermenêutica contextual. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, 24(3): 225, 1984.

Para aplicar ao texto de Lutero que estamos estudando o conceito de hermenêutica

Levando a sério esta definição, temos de analisar agora

1.0 — O contexto do intérprete: Lutero

Lutero, como leitor e intérprete da Escritura, é alguém composto de carne e ossos. Ele, como qualquer outro,

“... leva consigo, ante a Palavra toda, a realidade do seu ser, o processo de sua própria formação social..., a estrutura psicológica de sua pessoa, a classe social a que pertence e sua tendência política dentro de seu país, etc. Nada do que lhe é próprio pode ficar fora do seu encontro com a Palavra.”(21).

Lutero não pode empreender uma leitura neutra e a-histórica da Bíblia. Sua visão bíblico-teológica é profundamente marcada pela sua cultura. A história de sua vida e também sua própria teologia não podem ser vistas como sendo independentes do tempo que as fez nascer. Lutero, no que respeita à sua visão teológica, trata-se de pessoa adiantada e, ao mesmo tempo, presa com relação à sua época. O escrito que analisamos o demonstra muito bem. Concordamos com Tomas Lindsay, quando afirma que

“Nada do que Lutero haja escrito manifesta de uma forma mais clara essa combinação de ousadia revolucionária e de conservadorismo prudente que era característica do homem”.(22)

proposto por Padilla é necessário fazer as seguintes observações: O livro que estamos analisando não é classificável como sendo exegético, e a situação de Lutero não poderia ser denominada de “moderna”. No entanto, a exposição elaborada por Lutero fundamenta-se em conteúdo teológico depreendido de trabalho exegético anterior, e, mesmo que a situação de Lutero não seja “moderna”, percebe-se que sua intenção é a de transportar conceitos teológico-bíblicos para dentro da situação histórica que lhe era contemporânea. Lutero quer que a Palavra se encarne nessa situação, assumindo formas concretas. Baseados em tais observações, mantemos a conceituação de Padilla como auxílio para encaminhamento de nossa temática. O acima exposto significa que hermenêutica não se exercita unicamente em escritos exegéticos propriamente ditos, e, portanto, podemos utilizar-nos do escrito de Lutero que queremos analisar como “livro texto”.

- (21) STAM, Juan. A Bíblia, o leitor e seu contexto histórico; pautas para uma hermenêutica evangélica contextual. **Boletim Teológico**, São Leopoldo, (3):95, maio-ag. 1984.
 (22) LINDSAY, Tomas M. **Historia de la Reforma**. B. Aires/México, Aurora/Casa Unida de Publicaciones, p. 260.

Vejamos o que neste escrito demonstra-se como algo que prende Lutero à sua época:

1.1 — Lutero encontra-se vinculado a um projeto de Cristandade

O reformador é impelido pelo anelo por “melhoramento da Cristandade”(23). Sua cosmovisão não lhe permite ver igreja e es-

(23) Martinho LUTERO, *À nobreza cristã de nação alemã...*, p. 76. O texto em alemão apresenta a expressão “*christlich stands besserung*” (melhoramento do estado/estamento cristão). Cf. LUTHER, Martin. *An den christlichen Adel deutscher Nation*. In: LAUBE, Adolf. *Flugschriften der frühen Reformationsbewegung (1518-1524)*. Vaduz, Topos Verlag, 1983. v.2, p. 631. O grifo é meu.

Chamo de “cristandade” o conceito pelo qual se identifica a aliança entre igreja e sociedade. O resultante dessa identificação seria a defesa da possibilidade da existência de um estado cristão (“*christlich stands*”, conforme citação acima). O estado passa, portanto, a ser impregnado de um cristianismo cultural.

Evidentemente, o nosso conceito não é exatamente o mesmo de Richard, que entende cristandade em termos de “identificação da Igreja no sistema colonial, integração mediada pelo Padroado”. RICHARD, Pablo. *Morte das cristandades e nascimento da Igreja; Análise histórica e interpretação teológica da Igreja na América Latina*. São Paulo, Paulinas, 1982. (Estudos e debates latino-americanos, 2). p. 40.

Richard complementa sua conceituação dizendo ser a cristandade

“uma forma determinada de relação entre a igreja e a sociedade civil, relação cuja mediação fundamental é o Estado. Em um regime de cristandade, a Igreja procura assegurar sua presença e expandir seu poder na sociedade civil, utilizando antes de tudo a mediação do Estado.”

Pablo RICHARD, *op.c.*, p.9.

A definição de Richard serve muito bem para descrever a situação experimentada pelo catolicismo brasileiro desde o século XVI até ao XIX. A experiência alemã, embora apesente alguns traços idênticos, manifesta, no entanto, contornos diversificados, visto que não se pode, nesse caso, falar do Padroado como o elemento de vinculação do destino de Igreja e Império. Uso o conceito de cristandade como forma de apontar para a vinculação entre Igreja e Estado no pensamento de Lutero nessa fase de transição em seu posicionamento teológico, qual seja o ano de 1520.

A vinculação igreja-estado é típica da assim chamada “Reforma Oficial”. Lutero, Zwinglio e Calvino inserem-se em projetos de cristandade. Críticos a isso, no século XVI, serão somente alguns grupos que compunham o movimento anabatista, como podemos constatar, p.ex., na descrição dos inícios do anabatismo em Zurique, onde consta:

“Eles (Lutero e Zwinglio) defendem sua doutrina... com a espada... Cristo tem dito a seus discípulos (Mt 16.24): ‘Se alguém quer vir após mim... negue-se a si mesmo, tome a cruz e siga-me’. Não tem dito ‘a espada’; por que a espada não é admitida junto à cruz; ambas harmonizam tanto entre si como Cristo e Pilatos; se toleram tão bem como o lobo e a ovelha em um curral”.

LOS comienzos anabaptistas em Zürich. In: YODER, John Howard. *Textos escogidos de la Reforma Radical*. B. Aires, La Aurora, 1977. (Biblioteca de estudios teológicos). p. 149.

Penso que a crítica teológica anabatista à postura política de Lutero, mesmo que feita com objetivo apologético, deve ser ouvida atentamente a fim de corrigirmos nossa práxis histórica.

tado como entidades separadas. O estado é considerado como “membro do corpo cristão”(24) e os nobres como sendo os membros mais destacados deste corpo. Lutero concede ao estado a tarefa de se tornar o organizador da igreja. Tal reivindicação, de que as autoridades civis reformem a igreja, já aparece, aliás, antes de 1520. Visto que Lutero cristianiza o estado em virtude de sua doutrina do sacerdócio de todos os crentes, podemos daí deduzir que ele é profundamente coerente com tal postura quando de sua tomada de posição com relação à Guerra dos Camponeses: o estado é cristão, somente Deus pode transformá-lo.(25)

Lutero fundamenta historicamente a convocação de um concílio e a implantação de melhoramentos na Cristandade a partir da iniciativa da autoridade civil sobre o que ocorreu no Concílio de Nicéia, o concílio que Lutero mais preza, em que Constantino teve uma influência marcante, produzindo verdadeiro casamento entre igreja e estado. Falando sobre este concílio, Lutero acrescenta que “depois dele muitos outros imperadores fizeram o mesmo: mesmo assim **foram estes os concílios mais cristãos.**”(26) Aqui cabe mencionar Mackinnon, quando diz que Lutero

“... apresenta uma total tendência ingênua de idealizar o estado... Ele é fortemente influenciado pelo respeito pela integridade de seu próprio soberano, o eleitor, e pelo otimismo nacional, que viu na subida ao trono do jovem imperador a promessa de um império regenerado, de uma

(24) Martinho LUTERO, *À nobreza cristã de nação alemã...*, p. 83.

(25) Lutero pede a intervenção das autoridades civis com vistas à reforma da igreja já no prefácio do comentário de Gálatas e nos sermões contra a usura. Já então, Lutero terá clara a visão de que somente Deus poderá transformar o estado. Não seria justo tentá-lo através de revolução armada. É por isso que, quando pede-se sua retratação com relação ao escrito “Contra as hordas ladronas e assassinas dos camponeses”, responderá aos apelos, dizendo: “mantenho que meu livrinho é e será correto, ainda que todo o mundo se escandalize com relação a ele”.

LUTERO, Martín. Carta abierta, respecto del riguroso panfleto contra los campesinos. 1525. In: **Obras de Martín Lutero**, t. II. B. Aires, Editorial Paidós. (Clásicos de la Religión, 2). p. 284.

(26) Martinho LUTERO, *À nobreza cristã de nação alemã...*, p. 86. O grifo é meu.

Quanto ao Concílio de Nicéia e às suas sutilezas, cf.:

LATOURETTE, Kenneth Scott. **Historia del Cristianismo**. 4. ed. B. Aires, Casa Bautista de Publicaciones, 1978. t.I. p.201-5.

LOHSE, Bernhard. **A fé cristã através dos tempos**. 2. ed. São Leopoldo, Sinodal, 1981. p. 56-62.

nova era de reforma nacional, da qual o Reichstag, sob seus auspícios, seria um instrumento ativo para o bem geral. Igualmente ingênua é a pressuposição de que os estados, sob tais auspícios, na tarefa de reformar a igreja, levariam em conta puramente considerações religiosas.”(27)

1.2 — Lutero encontra-se sob o influxo do nacionalismo alemão

O nacionalismo alemão é uma corrente sócio-política que insurge-se contra toda e qualquer dominação estrangeira impingida sobre o povo germânico. Já nos encontramos com este movimento ao mencionarmos os nomes de Sylvester von Schaumburg, Francis von Sickingen e Ulrich von Hutten. Vamos nos ater a estas considerações, visto que adiante veremos como Lutero utiliza literatura de autoria de nacionalistas para proceder à análise do que se passa com a Cristandade em geral e com a Alemanha em particular.

1.3 — Lutero é defensor de uma Teologia das Ordens da Criação

Para Lutero, o mundo foi criado por Deus de uma forma ordenada. Toda forma de caos e anarquia é própria da ação do diabo. Visando barrar a ação do diabo e a manutenção da criação, Deus teria criado três ordens, que, segundo Lutero, são: o matrimônio, a vocação e o estado(28). O estado é, portanto, parte integrante destas ordens estabelecidas por Deus já desde antes da queda do homem(29). Toda ética social de Lutero precisa ser vista dentro dos limites colocados por esta concepção de uma criação ordenada, na qual o estado desempenha o papel de instrumento da vontade preservadora de Deus(30). Por ter Deus mesmo estabelecido tal ordem, é dever da obediência a Deus submeter-se a ela, enquanto que rebelar-se contra tal autoridade é rebelar-se contra Deus e estar praticando pecado(31).

(27) James MACKINNON, op. c., p. 245s.

Mais informações sobre a política em Lutero consegue-se em MOKROSCH, Reinhold. Sociedade e política na teologia de Lutero. *Concilium*, Petrópolis (118): 26-45, 1976.

(28) SCHMIDT, Kurt Dietrich. *Grundriss der Kirchengeschichte*. 3. ed. Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1984. p. 322.

(29) FORELL, George W. *Fé ativa no amor*. P. Alegre/S. Leopoldo, Concórdia/Sinodal, 1977. p.11.

(30) Id., *ibid.*, p.110-2.

(31) Kurt Dietrich SCHMIDT, op. c., p. 326.

É devido a isto que, quando o papa provoca indignação e barra o melhoramento do corpo cristão, ninguém melhor para tomar a frente na convocação de um concílio que busque tais mudanças do que a espada secular⁽³²⁾. As mudanças devem vir através dos meios ordenados já desde a criação⁽³³⁾. Lutero não concebe melhoramento que parta do povo simples, exatamente por que toda autoridade é de origem divina e, portanto, sobre todos paira a "proibição de resistir à autoridade e à hierarquia política"⁽³⁴⁾. A autoridade secular é uma ordem "instituída e preservada por Deus"⁽³⁵⁾.

1.4 — Lutero favorece uma divisão social-hierárquica em estamentos

Intimamente relacionada à concepção das ordens da criação, encontramos a visão dos estamentos. Para Lutero, "um senhor e um súdito se encontram em vocações divinamente ordenadas"⁽³⁶⁾. No escrito que estamos analisando, Lutero dirá que

(32) Martinho LUTERO, *À nobreza cristã de nação alemã...*, p. 87.

(33) Mackinnon nos fala disso ao comentar que

"...Lutero está disposto a confiar no 'Reichstag' para a realização do seu plano de reforma e vindica o direito do estado de reformar a igreja com base, geralmente, em sua instituição divina e, particularmente, no seu princípio de sacerdócio de todos os crentes".

James MACKINNON, op. c., p.245.

Percebe-se que a doutrina do sacerdócio geral de todos os crentes em Lutero não significa inexistência de hierarquia. Lutero não tira conseqüências radicais, a partir da doutrina do sacerdócio geral, para a vivência concreta em Igreja e Sociedade. Não podemos esperar de Lutero posturas arrojadas como a que assumimos em Tlayacapan, quando asseveramos que a ação do Espírito Santo quer gerar "socialização do poder".

A VIDA no Espírito. *Boletim Teológico*, São Leopoldo 2(4):65, set.-dez. 1984.

(34) Reinhold MOKROSCH, op. c., p. 31.

(35) George W. FORELL, op. c., p. 127s.

Para um aproveitamento positivo do conceito das ordens da criação, cF.:

QUIROZ, Pedro Arana. *Providencia y Revolución*. Lima, Estandarte de la Verdad, 1970. p. 29-42.

_____. Ordenes de la creacion y responsabilidad cristiana. In: PADILLA, Carlos René (ed.). *Fé cristiana y latinoamérica hoy*. B. Aires, Ed. Certeza, 1974. p. 169-84.

(36) WA 31, I, 409, 1

“... ao papa e aos seus: ‘Sua tarefa é orar’; ao imperador e sua gente: ‘Sua tarefa é proteger’; e ao homem comum: ‘Sua tarefa é trabalhar’.”(37)

Temos de reconhecer que o programa de reforma social proposto por Lutero “guarda silêncio acerca do grave problema da servidão” a que estava sujeito exatamente este homem comum(38).

1.5 — Lutero aparenta ter sido instruído dentro da visão histórica agostiniana das “Duas cidades”

Em dado momento, Lutero dirá em seu escrito que, quando ocorre um incêndio numa cidade todos se mobilizam para apagá-lo, e então perguntará: “quanto mais isso não deve acontecer na **cidade espiritual de Cristo**, quando se levanta um fogo de escândalo, seja no regimento do papa ou onde quer que for?”(39) Sabemos que é tipicamente agostiniana a ênfase na soberania de Deus sobre a história e a visão do universo e do homem como sendo “resultados dos atos criativos de Deus no tempo, em vez de ser a combinação de um longo processo revolucionário”, o que Lutero certamente compartilha. A visão agostiniana dá lugar a um certo dualismo temporal na história a partir da queda no pecado, sendo que, “desde então, a raça humana tem sido dividida em cidades terrestres e cidades de Deus”.(40) Lutero aparenta ter adotado a

(37) Martinho LUTERO, *À nobreza cristã de nação alemã...*, p. 100

A divisão social hierárquica estamental de Lutero pode perceber-se claramente através do tipo de reação esboçado pelo reformador diante das propostas de transformação social e eclesial trazidas por Andreas Bodenstein von Carlstadt. Penso principalmente no fato de Carlstadt optar por officiar sem vestidura sacerdotal, pela participação ativa dos leigos durante o culto no seu todo, por ser chamado de “irmão”, em vez de “senhor doutor”, por se vestir como os camponeses e trabalhar ao lado deles. Outra crítica trazida por Carlstadt a Lutero é que esse estaria entendendo o amor cristão como sendo o cuidado pela unidade social. Acredito que, muito embora a principal razão para a ruptura de Lutero para com Carlstadt esteja nas manias iconoclastas desse, Lutero o denomina de “perturbador da ordem” em boa parte por propor um maior nivelamento social e eclesial. A opção de Carlstadt é pela simplicidade em todos os níveis. Para um aprofundamento, proponho:

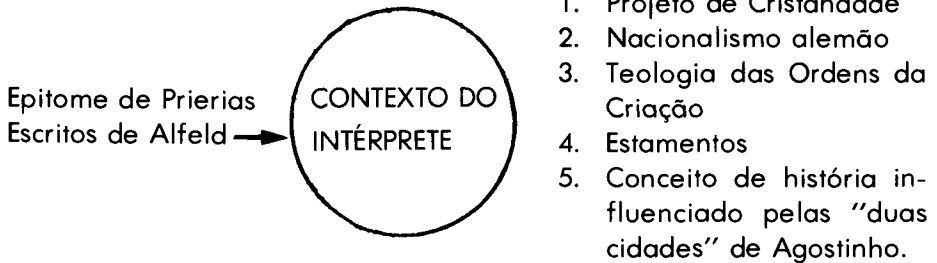
SIDER, Ronald J. **Andreas Bodenstein von Carlstadt**; The Development of his thought 1517-1525. Leiden, E.J.Brill, 1974. (Studies in Medieval and Reformation thought, 11). 318p.

(38) James MACKINNON, *op.c.*, p. 247.

(39) Martinho LUTERO, *À nobreza cristã de nação alemã...*, p. 87.

(40) CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos**; uma história da igreja cristã. São Paulo, Vida Nova, 1984. p. 136s.

leitura medieval da concepção agostiniana de história, que entende as duas cidades como sendo a igreja e o estado⁽⁴¹⁾.



Tendo visto o que prende Lutero à sua época, podemos agora passar a apalpar

2.0 — O contexto da Escritura

Lutero vê sua responsabilidade em pedir por melhoramento a partir da concepção de um grande abismo entre os ensinamentos da Escritura e aquilo que percebe na vida da Igreja institucionalizada. No cerne do seu escrito encontra-se uma reflexão hermenêutico-bíblica. O problema básico resume-se em que a sé romana "reprime o mandamento de Deus e lhe sobrepõe o seu próprio"⁽⁴²⁾. O papa se arroga o direito de ser o intérprete autorizado da Escritura⁽⁴³⁾. Para Lutero, isto equivale a querer tomar o lugar do Espírito Santo ou julgar-se de posse do seu monopólio, quando o aceitável é unicamente reconhecer-se sob a Escritura⁽⁴⁴⁾.

(41) Id., *ibid.*, p. 137.

Para uma análise crítica do conceito agostiniano de história, cf. BONINO, José Míguez. El reino de Dios y la historia; reflexiones para una discusión del tema. In: PADILLA, C. Rene (ed.). **El reino de Dios y America Latina**. B. Aires, Casa Bautista de Publicaciones, 1975. p. 79-83.

(42) Martinho LUTERO, **A nobreza cristã de nação alemã...**, p. 126.

(43) Id., *ibid.*, p. 79.

(44) James MACKINNON, *op.c.*, p.232.

ALTHAUS, Paul. **Die Theologie Martin Luthers**. 6. ed. Gütersloh, Gerd Mohn, 1983. p. 74.

Lutero irá fundamentar seu pedido por melhoramento basicamente em alicerce teológico-bíblico. Os aspectos discutidos estão em íntima conexão com a mais profunda verdade central de suas convicções evangélicas⁽⁴⁵⁾. O estudo da Escritura vai conceder-lhe alguns critérios teológicos que acompanhá-lo-ão na análise daquilo que se passa na Cristandade. Devido à exigüidade de nosso tempo, tratarei apenas de mencioná-los sem entrar em muitas minúcias.

2.1 — A cruz

Também aqui, este é o critério fundamental para a análise. O problema crucial do papado é que quer ser representante do Cristo em glória em vez de ser do que assume a forma de servo⁽⁴⁶⁾.

2.2 — O sacerdócio geral de todos os crentes

Segundo Lutero, ali onde há batismo, evangelho e fé — e vale sempre de novo sublimar que em Lutero estes tres aspectos são indissociáveis⁽⁴⁷⁾ — as pessoas são espirituais e cristãs. Onde

(45) James MACKINNON, *op.c.*, p. 229.

LOHSE, Bernhard. **Martin Luther. Eine Einführung in sein Leben und sein Werk.** 2.ed. München, Verlag C.H. Beck, 1982. p. 135.

(46) Martinho LUTERO, **À nobreza cristã de nação alemã..**, p. 88s, 106.

(47) Para Lutero, batismo e convensão são momentos que se complementam no decorrer da realização do objetivo de Deus para com a história da vida do homem. É devido a isso que, na explicação do batismo apresentada no Catecismo Maior, Lutero dirá que "somente a fé torna a pessoa digna de receber com proveito a salutar e divina água. Pois, já que isso é oferecido e prometido aqui nas palavras na água e com a água, não pode ser recebido de outro modo senão o de crê-lo de coração. De nada aproveita sem a fé, ainda que em si mesmo é tesouro divino e inestimável... isso é coisa certa: o que não é fé nada contribui e nada recebe.

... As obras de Deus, entretanto, são salvadoras e necessárias para a salvação, e não excluem a fé, senão que a exigem, pois que sem a fé não poderiam ser apreendidas".

LUTERO, Martinho. Catecismo Maior. In: **Livro de Concórdia**; as confissões da igreja Evangélica Luterana. São Leopoldo/P. Alegre, Sinodal/Concórdia, 1980. p. 478s.

Para aprofundar a temática da conversão em Lutero, cf.:

ROOY, Sidney H. Lutero y la mision. In: ARCAUTE, David et alii. **Lutero: ayer y hoy.** B. Aires, La Aurora, 1984. p. 245-7.

ALTHAUS, Paul. **Um die Wahrheit des Evangeliums.** Stuttgart, Calwer Verlag, 1962. p. 224-39.

FLUCK, Marlon Ronald. **A obra do Espírito Santo, em Lutero, a partir do seu escrito**

isto ocorre, os cristãos são iguais⁽⁴⁸⁾ e responsáveis pela situação da Cristandade. Sob esta fundamentação é que se baseia a declaração de que o poder secular é responsável não só pelo econômico, mas também pelo eclesiástico⁽⁴⁹⁾. O sacerdócio geral deveria, na prática, significar descentralização do poder eclesiástico.

2.3 — A diaconia ao pobre

Uma decorrência da assimilação do evangelho é que “ninguém mais deveria mendigar entre cristãos”. Ele propõe a extinção da medicância, concedendo às cidades a tarefa de prover os seus pobres. Declara literalmente:

“Basta que os pobres estejam providos convenientemente, que não morram de fome ou de frio. Mas não é cabível que alguém, às custas do trabalho de outro, ande ocioso, seja rico e viva bem, enquanto o outro passa por dificuldades, conforme o abuso ora vigente.”⁽⁵⁰⁾

Lutero quer que os cristãos aprendam a viver em condições mais modestas a fim de que outros também possam ter algo. Em vez de coletar dinheiro para construir grandes igrejas, os ministros do evangelho devem coletar dinheiro para alimentar os pobres.⁽⁵¹⁾ Ao papa compete “pregar, orar, estudar e cuidar dos pobres”, em vez de envolver-se em alianças políticas e tramóias que lhe possibilitem ampliar seu monopólio econômico⁽⁵²⁾. Lutero

'De servo arbitrio'; tese para a obtenção do grau de mestre em teologia. S. Leopoldo, Faculdade de Teologia da IECLB, 1984. p. 53-8. (manuscrito ainda não publicado).

Reflexões sobre a prática de batismo e conversão no luteranismo atual, cf.:

BUCHWEITZ, Wilfrid. Batismo-conversão. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, 20(3): 143-53.

AAMOT, João. **Por que evangelizo luteranos batizados?** Canoas, Equipe Nacional do Movimento Encontrarão, 1985. 48p.

- (48) Martinho LUTERO, **À nobreza cristã de nação alemã...**, p.80.
Sobre o sacerdócio geral de todos os crentes na concepção de Lutero, cf.: BERTÓN, Norberto. El sacerdocio universal de los creyentes. In: ARCAUTE, David et alii. **Lutero: ayer y hoy**. B. Aires, La Aurora, 1984. p. 61-78.
- (49) James MACKINNON, op. c., p.237.
- (50) Martinho LUTERO, **À nobreza cristã de nação alemã...**, p. 122s.
- (51) Id., *ibid.*, p. 124s.
- (52) Id., *ibid.*, p. 107.
James MACKINNON, op.c., p. 239.

quer questionar o 'ofício' de mendigo, para que se o trate como ser amado por Deus e, por isto, digno de atenção⁽⁵³⁾.

2.4 — A prioridade da família e do próximo por sobre os interesses eclesiais

Muitas pessoas, "seduzidas para uma falsa ilusão e um entendimento errôneo dos mandamentos de Deus", estavam gastando muito dinheiro a fim de conseguir peregrinar a Roma, deixando atrás de si famílias sofrendo privação, ou então o próximo carecendo de ajuda. Este dinheiro, anteriormente usado para satisfazer a ganância de Roma, deve ser aplicado para o bem de sua família ou dos pobres mais próximos.⁽⁵⁴⁾ Lutero valoriza a família, enobrecendo o matrimônio.

Estes critérios teológicos extraídos da Escritura vão ser utilizados por Lutero na análise da realidade que o circunda.



1. A Teologia da Cruz
2. O sacerdócio geral de todos os crentes
3. A diaconia ao pobre
4. A prioridade da família e do próximo por sobre os interesses eclesiais

3.0 — O contexto da Cristandade

Na análise da conjuntura, que empreende nesta obra, Lutero nos surpreende pela abrangência e agudez de sua visão. Passemos a discorrer sobre as realidades que são analisadas.

3.1 — A realidade espiritual

Lutero não entende a realidade espiritual como sendo um compartimento estanque de nossa vida; antes pelo contrário é o

(53) Cf. YODER, Jonh. **Aportes de la historia frente a la problematica de la riqueza**. B. Aires, Consulta sobre riqueza e pobreza na teologia bíblica, patrocinada pela Fraternidade Teológica Latino-americana, 1978. p. 7s. (palestra, ainda não publicada).

(54) Martinho LUTERO, **À nobreza cristã de nação alemã...**, p. 109s.

que determina o todo dela. O mau estado da Cristandade encontra-se exatamente no fato de que “a maior parte dos papas não teve fé”(55). Eles não têm servido àquilo que diz respeito à fé. Em vez de se dedicarem ao evangelho e à oração, têm praticado uma inversão de valores, visto que adotaram uma postura materialista, chegando ao ponto de usar o nome divino “para promover sua ladroeira”(56).

Avaliando o todo chega-se à conclusão que “aquilo que Deus ordenou, com isso ninguém se preocupa, a isso ninguém acorre e para isso ninguém tem dinheiro”(57). Lutero quer uma restauração da vida espiritual da igreja em geral e dos cristãos em particular(58).

3.2 — A realidade do exercício do poder

O papado tem abusado do poder que possui em suas mãos(59). Promove a discórdia entre os sacerdotes, semeia a desunião política entre a nobreza e favorece o extermínio dos verdadeiramente cristãos a fim de que “jamais a unidade dos cristãos dê dor de cabeça à santa sé romana através de reformas”(60). Quer manter o poder seguro em suas mãos a todo custo e, por isto, impede a realização de um concílio livre, o que bem demonstra que seu poder tem servido muito mais à dominação do que ao serviço. Por detrás do poder papal vislumbra-se o poder do diabo e do anti-cristo, que querem impedir o melhoramento da Cristandade. A isto temos de resistir “com tudo que pudermos”(61).

3.3 — A realidade econômica

Opressão e miséria têm se abatido por sobre a Cristandade graças ao sistema de extorsão estabelecido por Roma. O papa está aliado ao monopólio econômico internacional comandado pela

(55) Id., *ibid.*, p. 85.

(56) Id., *ibid.*, p. 102-4

(57) Id., *ibid.*, p. 120

(58) KÖSTLIN, Julius. **The Theology of Luther**; in its historical development and inner harmony. Filadélfia, Lutheran Publication Society, 1897. v.l. p. 375s.

(59) Martinho LUTERO, **À nobreza cristã de nação alemã...**, p. 93.

(60) Id., *ibid.*, p. 95.

Seriam estratégias equiparáveis às das ideologias de segurança nacional implantadas nos países contemporâneos.

(61) Id., *ibid.*, p. 87.

corporação bancária dos Fugger e, com isto, está destruindo a Cristandade em corpo e alma. Roma tem sido verdadeira multinacional que exercita cobiça e roubos⁽⁶²⁾, vende bispados⁽⁶³⁾, acumula bens de forma ilícita e faz coisas bem piores do que os não cristãos⁽⁶⁴⁾. Ali, o dinheiro compra tudo⁽⁶⁵⁾. Além de Roma, também a nação alemã estava sendo marcada pelo consumismo, pela usura e pela acumulação⁽⁶⁶⁾. Lutero propõe que o “Reichstag” tome medidas enérgicas contra isto tudo. Quer que se fomente a agricultura, em vez de se dar tanta ênfase no comércio⁽⁶⁷⁾. É necessário que surjam leis forçando as pessoas a serem mais simples no vestir e no comer, e que também se freie os banqueiros e mercadores, bem como demais pessoas que pratiquem a usura. Não se pode continuar permitindo que o dinheiro da Alemanha seja levado para outros países.

3.4 — A realidade jurídica

Todo melhoramento da Cristandade precisa passar por uma transformação das leis que coordenam sua vida. Lutero está convencido de que a lei canônica é o instrumento utilizado para a manutenção do estado de coisas que o papado gerou⁽⁶⁸⁾, o que equivale a dizer que os juizes de Roma legislam em causa própria. Mas, não é somente a legislação papal que precisa ser mudada: também a lei civil tem sido cruel, visto que o direito imperial tem sido preferencial tem tido preferência por sobre o territorial, quando o correto seria que ocorresse o contrário⁽⁶⁹⁾.

(62) Id., *ibid.*, p. 93.

James MACKINNON, *op.c.*, p. 233s.

Sobre a ética econômica de Lutero, cf.:

FISCHER, Joachim. Lutero e o capitalismo incipiente. **Estudos Teológicos**; Reflexões em torno de Lutero. São Leopoldo, 21 (número especial): 88-111, 1981.

(63) Martinho LUTERO, **À nobreza cristã de nação alemã...**, p. 94.

(64) Id., *ibid.*, p. 96s.

(65) Id., *ibid.*, p. 98.

(66) Id., *ibid.*, p. 138-40.

(67) Id., *ibid.*, p. 140.

(68) Id., *ibid.*, p. 98. À p. 115, Lutero vai mais longe e diz que “nunca saiu, nem jamais sairá algo de bom do papado e de suas leis”.

(69) Id., *ibid.*, p. 132.

Köstlin, ao analisar as propostas de Lutero quanto à legislação, diz que ele compreende que

“Já que cada terra tem um caráter próprio, também deveria ser governada por leis breves, próprias. As extensas leis importadas de terras distantes apenas servem para a opressão das pessoas e antes para impedir do que ajudar na resolução de disputas”.

3.5 — A realidade educacional

Lutero propõe também um novo estilo para a educação. Nas escolas e universidades a Bíblia deve ser o livro prioritariamente lido. O ensino deve ser para a fé e na fé⁽⁷⁰⁾. Quer que haja uma escola de meninas em cada cidade, o que não era algo comum naquela época⁽⁷¹⁾. A educação não deveria se importar apenas com o desenvolvimento intelectual, mas também com o comportamental⁽⁷²⁾, o que equivale a dizer que ele queria uma educação integral. Lutero volta as costas à educação escolasticista.

3.6 — A realidade comportamental

Além do que já apontamos quanto a isto anteriormente, ainda percebemos a preocupação de Lutero com o típico abuso alemão no que tange ao comer e beber. Conseqüência disto tem sido "assassinato, adultério, roubo e difamação divina e toda sorte de vícios"⁽⁷³⁾. Lutero está ciente de que a própria igreja tem sido promotora disto tudo através de suas festas, as quais deveriam ser completamente eliminadas⁽⁷⁴⁾. Ele considera também a lamentável existência de prostíbulos livres e públicos em meio aos cristãos. Ele ouvira o argumento de que esta era uma maneira de proteger mulheres casadas, solteiras e honradas, porém considera este tipo

Julius KÖSTLIN, op.c., p. 384.

Os princípios apresentados por Lutero podem ser úteis hoje quando se articula a Assembleia Nacional Constituinte. Lutero serve também como estímulo para um engajamento maior nesta causa.

(70) Martinho LUTERO, **À nobreza cristã de nação alemã...**, p. 134.

Lutero queria um ensino que promovesse, sem cessar, a Palavra de Deus. Isso significa que Aristóteles deveria ser destituído da sua situação de supremacia intelectual. Id., *ibid.*, p. 130s.

Para ver mais sobre Lutero e a educação, bem como o lugar de suas propostas na história da educação, cf.:

WITTHAUS, Carlos. Martin Lutero como pedagogo. **Cuadernos de Teologia**, B. Aires (2): 139-46, set. 1972.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação e da pedagogia**. 3. ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1967. (Atualidades Pedagógicas, 59). p. 109-12.

EBY, Frederick. **História da educação moderna**; teoria, organização e prática organizacionais. 1. ed. (2. impressão). P. Alegre, Ed. Globo, 1970. p. 53-68.

É importante sublinhar o fato de que, para Lutero, até aos nove ou dez anos, as crianças deveriam conhecer todo evangelho. Martinho LUTERO, **À nobreza cristã de nação alemã...**, p. 134.

(71) Id., *ibid.*, p. 134.

(72) Lutero queixa-se muito da vida libertina das universidades.

(73) Id., *ibid.*, p. 140.

(74) Id., *ibid.*, p. 118.

de opinião como sendo de origem atéia. Aos jovens se deve apresentar casamentos honrados como o ideal para suas vidas.⁽⁷⁵⁾

Tendo visto os níveis em que analisa o contexto da Cristandade, temos de perguntar pelo modo como chega a captar tudo isto. Chega a isto tudo unicamente a partir de observações pessoais? É evidente que não! A análise da conjuntura empreendida pelo reformador está embasada em um diálogo com uma série de escritos que, por certo, eram do seu conhecimento. A exigüidade de nosso tempo apenas nos possibilita a menção dos mesmos. Lutero, com certeza, conheceu: os "Gravamina"⁽⁷⁶⁾; o escrito de Lourenço Vala sobre a Doação de Constantino⁽⁷⁷⁾; os escritos de Hutten, intitulados "Vadiscus" e "Inspicientes"⁽⁷⁸⁾; os escritos dos pais da igreja; os decretos do concílio de Nicéia; os decretos papais; a lei canônica; os decretos dos concílios reformadores do século XV, especialmente o de Basiléia⁽⁷⁹⁾; os decretos do 5º concílio de Latrão⁽⁸⁰⁾; os escritos de Erasmo, especialmente o "Elogio da Loucura"⁽⁸¹⁾; as acusações apresentadas na Dieta de Augsburgo, em 1518, em que são acusados e satirizados os abusos que corriam soltos dentro da igreja⁽⁸²⁾. Lutero demonstra também ter recebido influência de parte do partido conciliar do século XV⁽⁸³⁾. A correspondência com Crotus e Hess, que recentemente haviam visitado Roma, supriu-o com alguns detalhes das condições prevalentes

(75) Id. ibid., p. 140.

(76) Cf. GARCIA-VILLOSLADA, Ricardo. **Martin Lutero**. Madrid, Biblioteca de autores cristianos, 1976. v. 1. p. 474s.

Informações sobre os Gravamina germanicae nationis. cf. em:

LAUBE, Adolf et alii. **Illustrierte Geschichte der deutschen frühbürgerlichen Revolution**. 2. ed. Berlin, Dietz Verlag, 1982. p. 93s.

(77) Sobre a Doação de Constantino, cf. LATOURETTE, Kenneth Scott. **Historia del Cristianismo**, 4. ed. B. Aires, Casa Bautista de Publicaciones, 1978. v.1. p. 411, 741, 769.

(78) Os dois escritos de Von Hutten encontram-se publicados em B.J. KIDD, op.c., p. 57-60.

(79) Sobre os concílios do século XV, cf. LESOURD, Paul & PAILLAT, Claude. **História secreta dos conclaves**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1971. (Rumos da Cultura Moderna, 37). p. 89-118.

(80) Sobre o 5º Concílio de Latrão, cf. JEDIN, Hubert. **Kleine Konziliengeschichte**. 8. ed. Freiburg, Verlag Herder, 1969. p. 78s.

(81) Sobre a importância do "Elogio da Loucura" para a reforma luterana, cf. PESSANHA, José Américo Motta. **Erasmo (1465?-1536): Vida e obra**. In: **Erasmo/Thomas More**. 2. ed. São Paulo, Abril Cultural, 1979. p. XII-XIV.

(82) Sobre a Dieta de Augsburgo, cf. LATOURETTE, Kenneth Scott. **Historia del Cristianismo**, 3. ed. Buenos Aires, Casa Bautista de Publicaciones, 1977. v.2. p.54.

(83) Veja nota 79. Cf. também: LATOURETTE, Kenneth Scott. **Historia del Cristianismo**. 4. ed. B. Aires, Casa Bautista de Publicaciones, 1978. v. 1. p. 735-50.

naquela cidade⁽⁸⁴⁾. Lutero demonstra ter também aproveitado algo das obras de João de Paris, João de Jandum, Marcílio de Pádua e Guilherme de Ockham⁽⁸⁵⁾. Há, porém, ainda outros escritos que provavelmente Lutero tenha conhecido. São estes: o escrito atribuído a Fausto Andrilino sobre o óbito do Papa Júlio II⁽⁸⁶⁾; a exortação a que não se pague o dízimo para a guerra contra os turcos, intitulada "epístola ex urbe"⁽⁸⁷⁾; os escritos de Wimpheiling⁽⁸⁸⁾ e as obras de Dietrich Nieheim⁽⁸⁹⁾.

Como podemos ver através da menção desta ampla lista de fontes bibliográficas, Lutero é um hermenêuta que vai além dos fatos notórios, apresentando ampla fundamentação para sua análise e reivindicações.

CONTEXTO DA CRISTANDADE

É provável que tivesse conhecimento:
O escrito atribuído a Fausto Adrilino sobre o óbito do Papa Júlio II
A epístola ex urbe
Os escritos de Wimpheiling
As obras de Dietrich Nieheim

Gravamina

Escrito de Lourenço Valla sobre Doação de Constantino

Escritos de Hutten: Vadiscus, Insuperantes

País da Igreja

Decretos do Concílio de Nicéia

Decretos papais

Lei Canônica

Decretos dos concílios reformadores do século XV, especialmente o de Basiléia

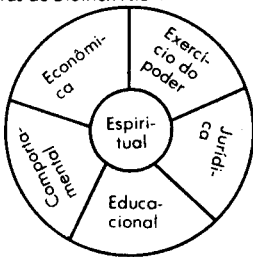
Decretos do 5º Concílio de Latrão

Elogio da Loucura

Acusações apresentadas na Dieta de Augusburgo (1518)

Influência do partido conciliar do século XV
Correspondência com Crotus e Hess, em que estes narram suas visitas a Roma

Lutero demonstra ter também aproveitado algo de João de Paris, João de Jandum, Marcílio de Pádua e Guilherme de Ockham.



(84) São ilustrativas: a carta de Johann Crotus Rubianus a Lutero, cf. WA BR 2, 87-93 e a carta de Lutero a Johann Hesse, cf. WA BR 2, 118s.

(85) A posição de João de Paris é bem descrita em TIERNEY, Brian. **Foundations of the conciliar theory**; the contribution of the Medieval Canonists from Gratian to the Great Schism. Cambridge, University Press, 1968. p. 157-78.

Informações sobre João de Jandum, cf. LATOURETTE, Kenneth Scott. **Historia del Cristianismo**. 4. ed.. Casa Bautista de Publicaciones, 1978. v. 1. p. 568s.

Sobre Marcílio de Pádua, cf. Brian TIERNEY, op. c., p.7-10, 177.

Sobre Guilherme de Ockham, cf. Id., ibid., p.9

(86) Ricardo GARCIA-VILLOSLADA, op.c., p. 474.

(87) WITTHAUS, Carlos. Introducción. In: **Obras de Martín Lutero**, t. I. B. Aires, Ed. Paidós. (Clásicos de la Religión, 1). p. 69.

(88) Ricardo GARCIA-VILLOSLADA, op.c., p. 474s.

(89) James MACKINNON, op.c., p. 229.

Vistos o contexto do intérprete, o contexto da Escritura e o contexto da Cristandade. Temos de, agora, atentar para

4.0 — O contexto da comunicação

Já dissemos anteriormente que o alvo de Lutero era estimular o Imperador Carlos V e toda a nobreza alemã no geral e o “Reichstag” em particular a fazerem todo o possível para o melhoramento da Cristandade. Descrevendo a forma como Lutero avaliava Carlos V, dissemos que sua atitude acompanha o otimismo generalizado que envolvia todo o povo alemão. A ascensão de Carlos ao trono, em 1519, despertava uma “esperança de reforma efetiva”(90). Criam os alemães ter, finalmente, conseguido um Imperador alemão. Somente em Worms, em 1521, começariam a se desiludir com ele(91). A mesma esperança e otimismo tidos com relação ao Imperador acompanham Lutero em sua confiança na sinceridade e boa vontade dos nobres. Ele crê que a nobreza empreenderá a reforma unicamente visando a honra de Deus. Faltou-lhe o exercício de uma crítica ao estado nos mesmos termos da aplicada à igreja.



Carlos V

esperança de reforma efetiva

otimismo generalizado

Nobreza alemã

otimismo

cria que os nobres iriam melhorar a Cristandade visando unicamente a glória de Deus.

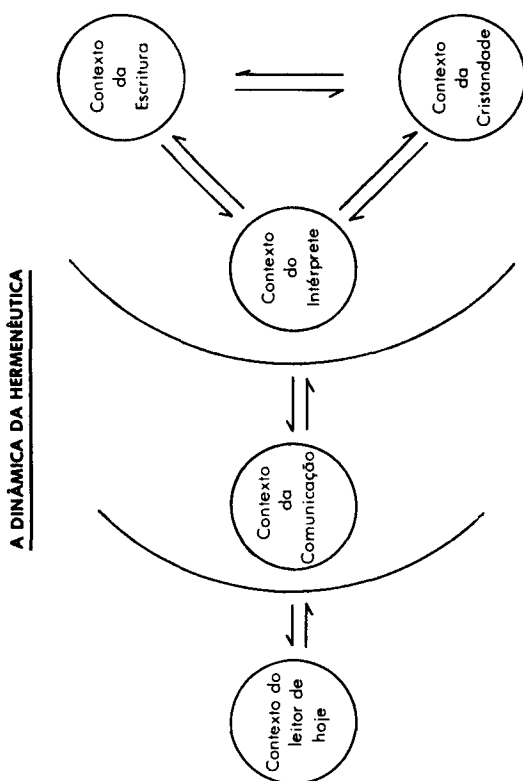
Vistos os contextos que se interrelacionam à medida que ocorre o exercício hermenêutico empreendido por Lutero, precisamos, agora, fazer uma rápida análise da

(90) Id., *ibid.*, p. 230s.

(91) Tomas M. LINDSAY, *op.c.*, p. 314.

5.0 — Dinâmica da hermenêutica de Lutero

No escrito analisado percebemos um constante diálogo entre intérprete, Escritura e Crisandade. Tal diálogo é dinâmico a tal ponto que a relação se dá sem respeitar uma única direção. Os axiomas produzidos a partir deste processo passam a ser veiculados de uma forma tal que são levadas em conta as posições em que se encontravam as pessoas às quais Lutero dirige o escrito, as esperanças da nação alemã com relação às mesmas e os laços afetivos tidos por Lutero com relação a estas. Aplicando à hermenêutica de Lutero o consagrado método utilizado pela Ação Católica, que compreende o ver, o julgar e o agir, dever-se-ia concluir que o intérprete Lutero vê a realidade da Crisandade, julga tal realidade a partir dos critérios descobertos no contexto da Escritura e pede ao Imperador e à nobreza que partam para a ação.



Gostaria de, a partir daquilo que vimos sobre a hermenêutica em Lutero, apresentar algumas

III — TESES para uma hermenêutica latino-americana

Quando lemos o escrito “À nobreza cristã de nação alemã, acerca do melhoramento do estado cristão” temos de entrar em diálogo com o contexto do intérprete Lutero, com o contexto compreendido pela sua forma de ler a Escritura, com o contexto da Cristandade como vista por ele, com o contexto da comunicação entabulada por ele. Em meio a este diálogo, chega-nos a pergunta: O que um homem do século XVI pode ainda contribuir para nosso fazer teologia no século XX? Sem dúvida, esta trata-se de uma pergunta de não fácil resposta. Vou aventurar-me na procura por algumas conclusões.

1.0 — Inicialmente, creio que estou certo ao acreditar que reconhecer-se herdeiro da Reforma não pode ser sinônimo de viver a repetir Lutero como se ele tivesse a resposta para todos os problemas levantados no decorrer da história da teologia. Creio que destacamos suficientemente as raízes que prendem Lutero à sua cultura, formação teológica e social. A grande maioria de nossas perguntas existenciais nunca passaram pela cabeça de Lutero; nossos problemas sociais não foram exatamente os mesmos que os seus; a história de sua Alemanha não foi nossa história como brasileiros. Por isto tudo, é bom darmos por sentado que Lutero não vai necessariamente solucionar os nossos problemas. Isto nos liberta para a busca por novos caminhos.

2.0 — Esta busca por novos caminhos não pode significar a perda de todo e qualquer ponto de referência, como se estivéssemos a vagar sem nenhuma orientação, perdidos e fora de órbita. Isto, em verdade, significaria dispor-se a impor o espírito do intérprete por sobre o Espírito da escritura. O testemunho que Deus dá acerca de si mesmo nas Escrituras, porém, quer nos levar adiante nesta caminhada de tal forma que prossigamos multiplicando “sinais de esperança do Reino, historicamente situados”. Pode-se dizer também de Lutero que, com o auxílio de uma exegese acurada, interpretou sua realidade vivencial, “desidolatrando teologias, ideologias e sistemas”, além de propor transformações.⁽⁹²⁾

(92) Tomo emprestada uma formulação do: DOCUMENTO de Porto Alegre. **Boletim Teológico**, São Leopoldo (6)

3.0 — Como pudemos ver na análise das realidades que compõem o contexto da Cristandade, o intento de elaboração de uma hermenêutica que ouse chamar-se contextualizada não pode pairar por sobre a superficialidade, ou então simplesmente basear-se em apriorismos. Hermenêutica contextualizada pressupõe integridade intelectual. Cumprir com nossa responsabilidade de declarar as verdades cristãs dentro do marco do nosso tempo e situação compreende um estudo, não menos acurado do que o de Lutero, da situação espiritual pela qual passa o povo brasileiro, da forma como se exerce o poder em nossa pátria, da estruturação jurídica que mantém o que se vê em andamento, da situação econômica nacional, do sistema educacional que forma as consciências de acordo com protótipos pré-estabelecidos, do lugar que ocupa a nação no cenário internacional com todos os compromissos e alianças que se dispôs ou é forçada a manter a bem de interesses que não são necessariamente os do seu povo, e da maneira de ser do seu povo manifestada em sua postura ética. Em tudo isto, Lutero nos é pelo menos ilustrativo. Ele nos incentiva a empreendermos tentativas que visem uma tradução mais fiel do evangelho do reino de Deus para dentro de nossa cultura. A convicção de Lutero de que é graças à ação do Espírito Santo que o evangelho se contextualiza persistente como convicção fundamental, visto que contextualizar não é apenas estar de ouvidos atentos para ouvir o que a cultura do povo ricamente nos ensina, mas também é ouvir Deus, que quer que a vida do povo se conforme à sua vontade. Contextualização testemunha, portanto, do Deus que está em missão entre o seu povo; é encarnação. Hermenêutica que não leva, portanto, a igreja ao engajamento missionário não pode ser chamada de contextual. Neste ponto, Lutero novamente nos desafia, pois não poderia ser descrito como hermeneuta da escrivania. Ele é, isto sim, hermeneuta do caminho. Todos nós somos chamados a redescobri-lo hoje!

* Dedico essa palestra a um amigo e irmão que tem sido estímulo na vivência da fé e na articulação de uma teologia mais ligada ao nosso contexto: P. Dilmar Devantier.